



Incubadoras da Fanem: vendidas para o exterior em alta

ALEXANDRE SCHNEIDER / JARDIM

DÉFICIT ALTO NA TROCA EXTERNA

Apesar dos esforços para aumentar as exportações, saldo do setor continua desequilibrado

Por Simone Goldberg

O déficit da balança comercial do setor da saúde, que foi de US\$ 7,7 bilhões no ano passado – US\$ 2,8 bilhões em equipamentos e materiais em geral e US\$ 4,9 bilhões em produtos farmacêuticos –, vem sendo combatido em duas frentes. De um lado, projetos como o Brazilian Health Devices (BHD), desenvolvido pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações (ApexBrasil) e a Abimo, associação que reúne fabricantes de artigos médicos e odontológicos, visam estimular a exportação; de outro, o programa para o desenvolvimento do Complexo Industrial da Saúde, que incentiva a nacionalização de medicamentos e equipamentos para reduzir importações.

Segundo o Ministério da Saúde, as 80 Parcerias para o Desenvolvimento Produtivo (PDPs) – acordos entre laboratórios públicos e privados para transferência de tecnologia de itens estratégicos para o Sistema

Único de Saúde (SUS) – devem trazer economia de R\$ 5,3 bilhões ao ano até 2025, quando todas estiverem funcionando plenamente.

A Blanner, fabricante brasileira de medicamentos e insumos farmacêuticos ativos, é um exemplo de atuação nas duas pontas. Segundo o CEO Sérgio Frangioni, a empresa está negociando a exportação de medicamentos genéricos para tratamento do HIV. A produção desses remédios, distribuídos pelo SUS, é feita por meio de PDPs com o Ministério da Saúde e dois laboratórios públicos. “O plano tem como destino a América Latina e, numa segunda fase, Europa, Canadá, África e Estados Unidos.”

A Blanner adquiriu, em 2016, a CYG Biotech, fabricante de matéria-prima usada em remédios e está investindo R\$ 20 milhões na ampliação da instalação em Indaiatuba (SP) para complementar a produção de medicamentos, na fábrica em Di-

boão da Serra, na Grande São Paulo. Até setembro, exportou matérias-primas para cerca de cem países, por meio da divisão de excipientes, a Itacel, vendida recentemente. Neste ano, as exportações contribuirão com cerca de 25% da receita.

Outra empresa exportadora é a Fanem, que tem forte presença na América Latina e no Oriente Médio, exportando incubadoras neonatais e equipamentos de fototerapia para tratamento de icterícia do recém-nascido. Nos últimos anos, vem consolidando a África como um dos principais mercados. A Fanem é uma das 150 participantes do projeto BHD, das quais 120 empresas vendem para cerca de 140 países.

O gerente de exportação José Flósi diz que, com a crise no mercado interno, as exportações garantem a sobrevivência e respondem por mais ou menos 35% do faturamento, que deve crescer 10% neste ano, puxado pelo mercado externo. Segundo ele, os números poderiam ser melhores não fossem entraves como a logística marítima. Por isso, a Fanem, que tem fábricas em São Paulo e na Índia, investiu em outra no México, que começa a operar agora em novembro. “A ideia é exportar a partir de lá.” A Ásia é um destino promissor, via rota pelo Oceano Pacífico, onde Tailândia e Indonésia são mercados em expansão nos últimos dois anos.

O projeto BHD vem ajudando exportadores na participação em feiras internacionais, prospecção e pesquisa de mercado, além de incentivar a obtenção de certificações internacionais, fundamentais para exportar. Segundo o gerente de projetos e marketing internacional da Abimo, Clara Porto, o BHD deve ser renovado em novembro para o biênio 2018-2019.

A cada dois anos são escolhidos mercados-alvo prioritários, sendo os próximos: Arábia Saudita, China, Estados Unidos, Indonésia, Irã, México, Rússia, entre outros. Em 2016, as empresas do projeto BHD exportaram US\$ 80 milhões. Para 2017, a expectativa é de alta de 20%.

No geral, a Abimo prevê para este ano um ligeiro decréscimo nas exportações. “Como as importações também estão em queda, o déficit deve ser menor no encerramento do ano”, estima Clara. Em 2016, as exportações totais de equipamentos e materiais da área de saúde somaram US\$ 671,6 milhões, e as importações US\$ 3,5 bilhões. Para 2017, a projeção é comprar lá fora US\$ 664 milhões e vender US\$ 3,4 bilhões, deixando o déficit em US\$ 2,77 bilhões.

O Brasil tem forte oferta exportadora, especialmente na área de odontologia, mas também em reabilitação, soluções para tecnologia assistiva, telemedicina e telessaúde. Para deslançar, lembra Carla, as empresas precisam ser mais capacitadas tecnicamente e ter a cultura exportadora. Outras barreiras são o custo logístico, de financiamento e dificuldade de fechamento de câmbio com alguns países.

A indústria brasileira, diz o gerente de exportações da Apex-Brasil, Christiano Braga, é capaz de prover mais de 95% da demanda hospitalar, e hoje há uma mentalidade mais exportadora no setor. “A manutenção e ampliação da carteira de clientes internacionais é o grande norte do projeto setorial.” Segundo ele, as iniciativas de comércio exterior, antes mais restritas aos negócios intercompany das multinacionais, ganhou mais de cem empresas primordialmente brasileiras.

Nos produtos farmacêuticos, o alto custo da produção e da complexa tributação além das normas burocráticas que atrasam a inovação são lembradas por Paulo Bernardo, diretor de acesso a mercados da Interfarma, a associação da indústria farmacêutica que representa as multinacionais, como obstáculos à redução do déficit, que na sua avaliação deveria ocorrer pelo aumento das exportações. “Uma nova fábrica no país não é feita só para abastecer o mercado interno, precisa ter escala e competitividade para participar da cadeia global, importando, processando e exportando.”

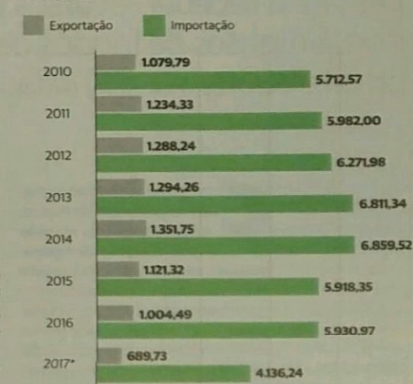
Desequilíbrio - 2016

Equipamentos
Em US\$ milhões



Fonte: Abimeds/MDC

Medicamentos
Em US\$ milhões



Fonte: Abimeds/MDC. Elaboração Interfarma. * Até agosto

Em 2016, as exportações de medicamentos chegaram a US\$ 1 bilhão e as importações a US\$ 5,9 bilhões. A recessão e em menor parte a influência do câmbio ajudaram a reduzir importações e o déficit em 2015 sobre 2014, mas o saldo negativo voltou a crescer no ano passado. Até agosto de 2017, o déficit estava em US\$ 3,4 bilhões, com US\$ 689 milhões exportados e US\$ 4,1 bilhões gastos em compras do exterior.